

26º SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTE E EDUCAÇÃO
O ENSINO DA ARTE EM TEMPOS DE CRISE
5º ENCONTRO REGIONAL SUL DA REDE ARTE NA ESCOLA

Universo da dança: relato de uma experiência vivida

Robson Bordignon Pólvora – Centro de Artes//UFPel
Andrisa Kemel Zanella– Centro de Artes//UFPel

Resumo: Este trabalho busca dar visibilidade para a prática docente desenvolvida com os alunos do primeiro ano de uma escola pública do município de Pelotas-RS, no ano de 2017, a partir do projeto de ensino "Dançar através de brincadeiras e jogos". Como fontes basilares a fundamentar a discussão sobre dança, educação e escola destacam-se: Barbosa (1978), Marques (2012) e Cardozo e Vieira (2007). A proposta, inspirada no calendário escolar, valeu-se das vivências dos alunos, abordando a dança pelos elementos do imaginário infantil, ampliando o repertório artístico das crianças. Neste sentido, foi possível compreender que os processos de ensino e aprendizagem puderam oferecer resultados, tais quais adentravam a ampliação da imaginação, criatividade e exploração das capacidades corporais dos alunos, antes mesmo do término do período de estágio. Tal prática propiciou um vínculo amplo na relação professor/aluno, compreendendo que o ensino da dança pode ser uma via de mão dupla, onde os alunos experimentaram novas possibilidades, enquanto o estagiário reconheceu a importância de seu papel enquanto arte-educador.

Palavras-chaves: Dança; brincadeiras e jogos; Anos Iniciais.

1. Introdução

Este trabalho caracteriza-se por ser um relato de experiência da docência em dança com estudantes do primeiro ano do ensino fundamental de uma escola pública do município de Pelotas\RS. A prática foi resultado do Estágio em Dança I, disciplina cursada no 5º semestre do curso de Dança – Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas, momento de grande relevância em minha formação.

O projeto intitulado "Dançar através de brincadeiras e jogos" teve como objetivo inserir a dança no primeiro ano do Ensino Fundamental provindo da ludicidade como elemento a perpassar essa experiência e ampliar o repertório artístico da criança. A ideia surgiu durante o período de observação, quando acompanhei a MOBFOG[1] que estava sendo realizada na escola. A partir desta proposta, estabeleci vínculos artísticos entre brincadeiras cotidianas e elementos da dança, desenvolvi a apropriação da linguagem artística em detrimento às vivências

[1] A Mostra Brasileira de Foguetes é uma olimpíada experimental, pois consiste em construir e lançar, obliquamente, foguetes, a partir de uma base de lançamento, o mais distante possível. A MOBFOG é um evento aberto à participação de escolas públicas ou privadas, urbanas ou rurais. Disponível em: http://www.oba.org.br/site/?p=conteudo&pag=conteudo&idconteudo= 586&idcat=29&subcat=.

dos alunos ao estimular a criatividade e o imaginário, promovi novas experiências democratizadas com o coletivo, o que permitiu a reflexão sobre as brincadeiras e jogos relacionando às práticas vivenciadas e criando opções variadas de ensino de dança abordando seu reconhecimento pelos alunos. Devido a isso, pude observar os resultados do projeto no percurso do estágio e não somente ao finalizá-lo.

As aulas foram majoritariamente práticas, abordando elementos da dança. Condicionados a jogos e brincadeiras, teve o caráter instrutivo e visaram primordialmente às capacidades física, cognitiva e criativa dos alunos. As atividades foram desenvolvidas com linguagem apropriada, exemplificadas de forma com que abrangesse o entendimento de todos, dando atenção a elucidar as propostas partindo do universo infantil.

Relativizando à criação de protótipos de foguetes para a MOBFOG, as aulas de dança foram baseadas nesta ideia, sendo cada encontro uma viajem pelo "sistema espacial da Dança", onde os alunos visitavam planetas, caracterizados com alguns dos conteúdos desta linguagem artística, Para isso, o recurso didático foi elaborado com garrafas pets e materiais adquiridos pelo estagiário como, bolinhas de isopor, tinta guache, cola e emborrachado de EVA. Os elementos confeccionados aclararam o percurso do estágio, assim foram produzidas miniaturas de foguetes e planetas, permitindo mais dinamicidade nas aulas.

A partir das atividades propostas, a avaliação formativa foi utilizada para verificar o desenvolvimento dos alunos. Assim, foi baseado no resultado processual qualitativo decorrente das aulas, por isso, tratou-se de um *feedback* para o aluno e professor, permitindo o refinamento das práticas conforme necessário no decorrer do estágio.

Logo duas avaliações foram construídas:

a) A primeira tratou-se de um desenho a mão livre em que os alunos retrataram as percepções d os elementos que haviam conhecido durante as aulas e nas apresentações de dança[2] que assistiram.

[2] Coreografias apresentadas pela cadeira de Composição Coreográfica 2, respectiva ao quinto semestre do curso de Dança – Licenciatura da UFPel.

b) A segunda foi um jogo de perguntas e respostas onde a turma coletivamente buscava responder as questões.

Ambas foram pensadas para promover autonomia em responder e se expressar, permitindo acessar memórias e vivências das aulas.

O contexto em que o estágio foi desenvolvido permitiu o trabalho de diversas nuances artísticas. Os Parâmetros Curriculares Nacionais para as Artes esclarecem o quão importante é o ensino de dança na escola direcionando o aprendizado, incentivando a relações políticas, sociais e culturais em ambiente escolar, podendo trabalhar a dança com temas que envolvem a realidade dos alunos. Ou seja, foi ampliada a apropriação aos bens culturais artísticos das crianças, valorizou-se a identidade sociocultural, que além de tudo compõe o espaço educativo e foi aprimorada a capacidade expressiva corporal de cada um no decorrer das aulas.

Por ter sido desenvolvido atividades com brincadeiras foi preciso pesquisar seu conceito. Cardozo e Vieira caracterizam o brincar como “atividade lúdica não estruturada” (2007, p. 91), ou seja, um exercício prazeroso e sem níveis de complexidade. Esses autores, também nos informam que “a brincadeira é definida como uma atividade livre, que não pode ser delimitada e que, ao gerar prazer, possui um fim em si mesma” (2007, p.91). Considerando o ato de brincar, e por isso as brincadeiras em si, justifica-se assim, a importância da ludicidade no desenvolvimento de práticas de dança. Isabel Marques destaca a relevância do brincar, enquanto meio para a formação pessoal dos indivíduos, em suas palavras, “são os corpos socialmente constituídos e historicamente construídos que brincam e dançam e, ao mesmo tempo, são as brincadeiras e as danças que constituem e constroem nossos corpos” (MARQUES, 2012, p.33).

Em relação aos jogos, Cardozo e Vieira (2007, p. 92) trazem asserções de Brougère e Wajskop, os quais afirmam que os jogos, possuem regras, que já chegam prontas às crianças e servem para alcançar um objetivo, geralmente a vitória. Sendo assim, essa condição do jogo como uma atividade funcional, é de possuir utilidade, tal qual, respeitar as regras que conduzirão a um resultado final. No entanto, mesmo com essa fundamental diferença, a brincadeira e o jogo durante

o estágio cumpriram o mesmo papel, sendo ferramentas para ensinar dança de maneira divertida.

Desenvolver um trabalho em Dança se faz importante quando sabemos que em muitas realidades a escola é vista como um local que massifica corpos prendendo-os em suas cadeiras e mesas, restringindo o espaço de movimentação, assim resultando na não diversão. Pena, Bógea e Borges (2008, p. 30) trazem em seus estudos traços do panorama escolar onde destaca que “a rotina da escola demonstra um automatismo das relações e uma acomodação a padrões de comportamento previamente estabelecidos, onde não há lugar para o surgimento do novo.” O papel do estágio foi justamente o de trazer esse “*novo*” para a escola, mesmo que de forma sutil.

Este estágio propiciou um vínculo na relação professor/aluno, compreendendo que o ensino da dança pode ser uma via de mão dupla, onde os alunos experimentaram as possibilidades apresentadas a eles, enquanto eu, estagiário, reconheci a importância de meu papel enquanto educador. As práticas realizadas me permitiram adentrar um novo “universo”, e a partir das expectativas dos alunos muito brincadeiras e exercícios de outras disciplinas se tornaram material para desenvolver nossas aulas.

Pensando a partir das diretrizes dos Parâmetros Curriculares Nacionais para as Artes, pude criar e desenvolver as aulas com total êxito. As observações iniciais ofereceram subsídios para atender as especificidades previstas no projeto de estágio e abranger de maneira geral cada aluno, incluindo os que possuíam laudo médico.

No desenvolver das aulas foi notado que houve diferença na realidade dos alunos, pois os mesmos apresentavam formas variadas de se expressar, utilizando da Dança como forma pura de linguagem corporal.

Finalizo com o mesmo pensamento que eu tinha no início do período de estágio, pois essa vivência confirmou tudo o que eu pensava: “A arte de ser um Professor de Dança é um ciclo fechado. Não existe início, porque quando se percebe já estamos criando, e não existe final, pois a dança contagia, se expande e

foge do controle. Dancem todos os dias, é o que disse no final de todas as minhas aulas".

Referências

BARBOSA, A. M. *Arte-educação no Brasil:* das origens ao modernismo. São Paulo: Perspectiva, 1978.

BRASIL. *PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCNs) - arte***.** Terceiro e Quarto ciclos do ensino fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 116p.

CORDAZZO, S. T. D.; VIEIRA, M. L. *A brincadeira e suas implicações nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento***.** Estudos e Pesquisas em Psicologia: UEJ: Rio de Janeiro, ano 7, n.01, 1°Semestre de 2007.

MARQUES, I. A. *Interações:* crianças, dança e escola. São Paulo: Editora Edgard Blücher Ltda, 2012. p. 15-70.

BÓGEA, I. C.; BORGES, L. P.; PENA, A. *Aconchegando o corpo na escola:* as perspectivas. In: BRASIL. O Corpo na escola. SALTO PARA O FUTURO. Ano XVII, Boletim 4. Brasília, MEC, 2008.